
BRINCAR JUNTO, INTERAGIR COM OS BEBÊS: REFLEXOS DA FORMAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Michelle Duarte Rios Cardoso*

Resumo: O presente artigo discorre sobre a importância da relação teoria/prática ao se trabalhar com bebês na creche, acreditando que, a partir das interações entre professoras e bebês, é possível estabelecer, dentro da instituição de Educação Infantil, uma relação de aprendizagem/desenvolvimento pautada na troca de experiências e significados compartilhados. O aporte metodológico utilizado foi a Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol). O referencial teórico, que deu sustentação à pesquisa foi a Teoria Sócio-Histórico-Cultural, dialogando em especial com Vygotsky, Wallon e Pino. Com o estudo, foi possível perceber que a formação fez diferença no modo de agir dessas profissionais, que construíram sua prática pedagógica a partir de teorias priorizam o brincar como linguagem, como fundamental ao desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Brincar. Bebês. Professoras. Interação. Creche.

Introdução

Início com as palavras de Paulo Freire (1996, p.85): "Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino". Tais palavras podem ser associadas à condição de professores e professoras para a constituição humana, como provocadores de pensamentos. Nos remete ainda à importância deles e delas, na Educação Infantil e os sentidos de suas ações, quando discutimos a potencialidade do brincar, principal atividade de bebês¹ e crianças. Para Vyotsky (2008), o brincar deve estar no centro do trabalho pedagógico, por se tratar de um modo de expressão e constituição do sujeito no mundo. Por isso se faz necessário uma reflexão sobre os impactos da formação inicial desses professores e professoras e as potencialidades que tal formação trás para a prática do brincar especificamente com os bebês. Isso pois, o campo da Psicologia em diálogo com a Educação (Vygotsky, Piaget e Wallon) vem apontando para o fato de que os bebês têm interesses específicos, reconhecendo-os, a partir de suas teorias, sujeitos em formação, que têm condições de construir novos significados, a partir das atividades de que participam. Nesse

* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Professora na Prefeitura de Juiz de Fora, Pesquisadora Voluntária no Grupo de Pesquisa Linguagem, Infâncias, Cultura e Desenvolvimento Humano - LICEDH/UFJF, email: michelledrcardoso@gmail.com.



sentido, compreendemos que os professores são pessoas relevantes, quando possibilitam, em seus planejamentos, atividades que permitam aos bebês experiências que levam a explorar, conhecer, agir, e intervir nas atividades, como interlocutores, abrindo caminhos e propondo novas rotas que os levem para diferentes descobertas.

Dessa maneira, professores e bebês, conseguirão estabelecer, dentro da instituição de Educação Infantil, uma relação de parceria, podendo o professor “caminhar de mãos dadas com o bebê, percorrendo suas tramas, apoiando suas iniciativas, curiosidades investigativas, interesses, singularidades e potencialidades sociocomunicativas” (RAMOS, 2012, p. 14). A aprendizagem dos bebês está pautada na troca de experiências e significados² partilhados na/da cultura. Ao pensarmos na brincadeira para/com eles, é preciso pensar em práticas que proporcionem aos bebês a possibilidade de interagir com o outro e com o mundo ao seu redor, possibilitando-lhes participarem ativamente de seu processo de formação.

Sendo assim, este trabalho trás um dos olhares para o brincar com os bebês discutidos na minha dissertação de mestrado intitulada "E os bebês na creche... brincam? O brincar dos bebês em interação com as professoras", defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF: o brincar e suas possibilidade a partir da formação inicial do professor/professora.

1. Considerações sobre o brincar em diálogo com a Perspectiva sócio-histórico-cultural

Para este estudo, sobre a brincadeira dos/com os bebês na perspectiva sócio-histórico-cultural, além de Lev Vygotsky, selecionei como interlocutores, autores como Angel Pino e Henri Wallon, que apresentam em seus argumentos, construções teóricas específicas sobre os bebês e que, por consequência, nos levam a considerar o brincar como uma de suas linguagens, bem como acreditam que tal atividade resulta de uma cultura construída histórica e socialmente, não sendo uma atividade natural do bebê, confirmando a tese da perspectiva histórico-cultural.

Tal teoria apoia a ideia de que todos nós, como seres humanos, somos criadores, ou seja, todo ser humano produz cultura, a partir de sua experiência e das relações sociais que estabelece com o outro e com o mundo social. A consciência humana está diretamente ligada às relações sociais estabelecidas entre ser humano, história e cultura.

Com o bebê, esse movimento não é diferente, isso porque, nessa perspectiva, o bebê é entendido, desde o seu nascimento (e talvez desde a sua geração embrionária), como sujeito integrante e integrado a determinada cultura e contexto social. Podemos afirmar que seu desenvolvimento se dá em conjunto com o estabelecimento da cultura. Dito de outra forma,



ele se desenvolve à medida que se apropria da cultura, isso porque Vygotsky (2009) entende que a cultura se torna própria do sujeito apenas pela sua participação ativa nela “tornando próprios dela mesma os modos sociais de perceber, sentir, falar, pensar e se relacionar com os outros” (p. 08). Podemos compreender também que um dos aspectos fundamentais da brincadeira é a troca social.

A ideia de meio na perspectiva sócio-histórica-cultural é importante. Pensando no contexto da creche, Vygotsky nos revela que

o meio não pode ser analisado por nós como uma condição estática e exterior com relação ao desenvolvimento, mas deve ser compreendido como variável e dinâmico. Então o meio, a situação de alguma forma influencia a criança, norteia o seu desenvolvimento. Mas a criança e seu desenvolvimento se modificam, tornam-se outros. E não apenas a criança se modifica, modifica-se também a atitude do meio para com ela, e esse mesmo meio começa a influenciar a mesma criança de uma nova maneira. Esse é um entender dinâmico e relativo do meio – é o que de mais importante se deve extrair quando se fala sobre o meio na pedagogia (Vygotsky, 1935/ 2010).

Atrelado a isso, Vygotsky destaca o papel da linguagem na construção da experiência e da consciência do bebê, a partir dessa apropriação no mundo social, sendo a linguagem “central não só no desenvolvimento do pensamento, mas na evolução histórica da consciência como um todo” (VYGOTSKY, 2009, p. 09). A imaginação se apoia na experiência e essa vai sendo “afetada pela cultura, pela linguagem, vai sendo marcada pela forma racional de pensar, historicamente elaborada” (Ibid.,p. 09).

Os bebês manifestam suas linguagens, por meio de seus gestos, choros, sorrisos, palmas, balbucios, brincadeiras (formais ou não) e outros, por meio das quais indicam suas descobertas, suas vivências, desejos e interesses. Nesse sentido, podemos concordar com Lima (2002) ao pensar que o bebê usa o corpo como sua primeira forma de linguagem. Seja motivado pelo outro, pela imitação, ou por iniciativa do próprio bebê, tais manifestações nos indicam que a busca pela comunicação, que leva à experiência como sujeito é uma manifestação humana, que ocorre desde tenra idade. Cabe a nós, professores e professoras escutarmos atentamente os bebês, entendendo suas múltiplas linguagens, linguagens que se desenvolvem antes da fala, mas que de forma alguma são menos importantes que ela.

Mediante essa reflexão percebemos que brincar é linguagem e quanto mais rica for, mais experiências/vivências possibilitarão aos bebês, tornando possível o faz de conta – a criação da criança, a imaginação em prática – e essa criação só é possível pelo sentimento de pertencimento que a criança já estabeleceu com aquela cultura e realidade social. Assim,



a relação do homem e do mundo passa pela mediação do discurso, pela formação das ideias e pensamentos através dos quais o homem apreende o mundo e atua sobre ele, recebe a palavra do mundo sobre si e sobre ele-homem e funda a sua própria palavra sobre esse mundo (Vygotsky, 1999, p. 12).

A brincadeira torna-se, então, esse lugar de possibilidades do bebê onde, a partir da experiência/vivência, ele dá sentido aos elementos presentes na realidade social e no mundo adulto. O que para Kravtsova (2007 apud PRESTES; TUNES, 2012) é mais um motivo para “encontrar um critério que seja possível de ser observado apenas em todos os tipos de brincadeiras infantis, mas também que possa ser visto na diversidade das brincadeiras e jogos dos adultos” (p.22).

Mas, como entender essa atividade criadora e o brincar com os bebês?

O próprio Vygotsky (2009) esboça uma resposta ao dizer que a atividade criadora da criança tem uma expressão singular em cada período da infância e que essa expressão está ligada aos significados que o bebê vai construindo, a partir das experiências vividas com o outro.

Para o autor, a riqueza da atividade criadora está diretamente ligada às experiências/vivências da pessoa, a sua constituição cultural, e por isso é expressa de formas diferentes, nas diferentes idades das crianças. No trabalho com os bebês, há uma necessidade de ampliar essas experiências/vivências pois

quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência - sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação [a sua atividade criadora] (VYGOTSKY, 2009, p. 23).

Aos bebês a percepção dos objetos é muito importante, para que eles consigam descobrir o mundo e perceber suas ações nele, explorando a si, o outro e o mundo, por meio dos objetos concretos, que se tornam base para o desenvolvimento dos processos de criação. Por isso, no dia a dia com os bebês, é preciso compreender que tudo é atividade/brincar e, portanto, linguagem. Afinal, “o ato de brincar como uma forma de conhecimento integrador, próprio da cultura infantil, inclui dentro dele todas as linguagens de representação na relação da criança com seu entorno” (PEREIRA, 2002, p. 01), apresentando as diferentes marcas que nós, seres humanos, deixamos no mundo (DEBORTOLI, 1995), marcas essas que são construídas em conjunto com a cultura.



Compreendida como linguagem, a experiência da brincadeira atua como expressão e forma de significação do mundo. As crianças compreendem o mundo na experiência da brincadeira e o fazem na interação com as outras crianças e com os adultos. Nessa interação a criança compreende o mundo, experimenta suas emoções e elabora suas experiências. O adulto é, muitas vezes, a referência, e suas ações são reproduzidas pelas crianças com um sentido próprio e essencial ao processo de apreensão do mundo (CARVALHO, 2008, p. 07).

É na sutileza e no cotidiano de trocar as fraldas, dar banho, dar a mamadeira, água e almoço/jantar, oferecer um brinquedo, ou simplesmente deixar os bebês no chão, que por si só já proporcionarão novas experiências/vivências para exploração. Em pouco tempo, a curiosidade os motivará a saber o que tem nas fraldas, a brincar com a água do banho, a segurar sozinhos a mamadeira e a explorar com o tato a comida do almoço/jantar. Com os brinquedos, eles também aprendem a explorar os espaços, as formas, e os movimentos.

Observemos que Vygotsky (2006) trata do conceito de vivência da seguinte maneira:

[...] Uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro.

Para os bebês, o brincar tem o sentido de estruturar o seu mundo, de organizar seu pensamento. Por meio da brincadeira, eles podem explorar o que têm a sua volta, podem interagir com o outro, podem estar e compartilhar, vencer desafios e criar outros mediante situações provocadoras.

Dessa maneira, os bebês brincam, e brincar é para eles também é uma forma de se sentirem presentes e pertencentes a nossa sociedade. O brincar amplia as oportunidades de se comunicar, agir, descobrir e concretizar ações e descobertas por meio do contato com os objetos,³ e por meio da interação com o outro – seja pais, família, professores/professoras, crianças ou outros bebês, por exemplo. Com a brincadeira, o bebê além de se desenvolver, também ensina sobre a sua forma de ser e estar no mundo. A partir das diferentes linguagens, suas ações dizem sobre si mesmos e sobre as movimentações que ocorrem a sua volta. Ações essas que se manifestam como formas do bebê entender o mundo que o cerca, que para ele é uma novidade que precisa ser explorada e compreendida.

Entender a importância de o bebê vivenciar a si e o mundo, por meio de expressões corporais e sensoriais, nos move a perceber que garantir aos bebês brincadeiras que tornem rica a experimentação da sua individualidade – por deixá-los ver a sua imagem refletida no



espelho, por exemplo - vai ajudá-los a se perceberem no mundo como distintos dos outros e dos objetos (KISHIMOTO, 2010).

É também ao explorar o rosto da mãe, ao usar as mãos para manipular os objetos mesmo sem saber ainda para que servem, e ao engatinhar em busca de algo, movidos pela curiosidade, que os bebês brincam e nos mostram o que eles já sabem fazer. Ao usar essas diferentes linguagens, o bebê se mostra capaz de, a partir de experiências mediadas, experimentar gradativamente suas potencialidades.

Pela curiosidade, os bebês brincam, questionam, exploram, se encantam, se indignam e assim vão experimentando o mundo a sua volta, aprendendo e se colocando nele. Brincar é então, para eles, uma possibilidade de conhecer, de aprender, de ensinar, de experimentar diferentes relações sociais, sentimentos, desejos e conflitos.

O importante é compreendermos que a atividade exploratória dos bebês perpassa todo o cotidiano da creche e que por isso todas as ações ali realizadas têm relevância para eles e precisam ser cuidadosamente pensadas, pelos/pelas professores/professoras, a fim de se tornarem ações significativas para o desenvolvimento da autonomia dos bebês. Quando criamos um vínculo com eles, por exemplo, ao conversarmos durante as ações e ao “darmos ouvidos” a eles também, possibilitamos uma rica troca, que nos permite mediar esse processo exploratório que amplia o repertório de ações e possibilidades (OLIVEIRA, 1992). Assim, estar atento às “diversas linguagens dos bebês, buscando entendê-los e ouvi-los, são atitudes essenciais a quem realiza trabalhos com crianças ainda tão pequenas” (SOUZA; WEISS, 2012, p. 42).

A creche é um lugar complexo. Um lugar privilegiado de interações e mediações. Compreendermos o papel da brincadeira como linguagem para os bebês nos possibilita reconhecer a importância de tornar essa prática o eixo das ações pedagógicas na creche, uma vez que ela se torna a principal forma do bebê se significar no mundo, se tornando um sujeito sócio-histórico-social.

Mediante isso, percebemos a necessidade de mergulharmos nesse universo, nos aproximando de suas particularidades, em um movimento de compreender os sentidos que essa atividade tão particular e significativa na infância tem para eles.

2. A escolha metodológica

A pesquisa foi alicerçada metodologicamente a luz da pesquisa crítica de colaboração (PCCol). Tal escolha envolve perceber que antes de ser sujeito de uma pesquisa, o participante é sujeito de uma sociedade, o que significa pensar nele dentro de um contexto social e



educacional. Não significa também entender que os participantes tenham uma simetria de conhecimentos, semelhanças de ideias, de representação ou de valores, pois Bakhtin (1997) mostra que esse processo também gera conflito, tensões e questionamentos e, conseqüentemente, levará a uma reflexão (MAGALHÃES, 2004).

A ênfase nesse tipo de pesquisa está na participação de cada um dos envolvidos e na contribuição que as discussões trazem para o grupo, envolvendo, portanto, uma situação de colaboração entre os participantes, onde juntos, todos analisam suas práticas e refletem sobre as ações cotidianas que envolvem a creche. Segundo Contreras (2002), ninguém consegue refletir sozinho, é na interação com o outro e, na vivência escolar e pessoal que o processo reflexivo acontece. Portanto é essencial que o diálogo reflexivo perpassa pelo contexto institucional, pela prática educativa e pela vivência pessoal dos envolvidos.

Esse tipo de pesquisa permite que ambas as partes “confrontem suas perspectivas e interpretações, bem como entendam que existem diferentes interpretações em diferentes vozes” (IBIAPINA, 2008, p. 36), mas isso só se concretiza, quando há interesses em comum entre os participantes da pesquisa. Assim, é fundamental que o pesquisador tenha o papel de mediador, organizando as ideias, fortalecendo e encorajando os educadores a participarem do diálogo. Já os educadores colaboram porque compartilham de seus sentidos e significados, questionando ideias, dando opiniões e aceitando responsabilidades durante o andamento da pesquisa. Criando assim, um clima democrático, onde o tema estudado beneficiará ambas as partes (IBIAPINA, 2008).

A PCCoL tem por intento ampliar as possibilidades dos educadores por buscar significados já internalizados, confrontá-los e reconstruí-los, por meio de um processo reflexivo, reorientando conceitos e práticas adotadas nos processos educativos por eles mediados. (IBIAPINA, 2008, p. 45). Nesse sentido, “o trabalho colaborativo e reflexivo é organizado por meio de ações formativas que auxiliam no processo de coprodução de conhecimentos” (Ibid., p. 46).

É o conhecimento de si próprio e a experiência pessoal e profissional que subsidiará e dará sentido aos questionamentos sobre os saberes e as experiências vivenciadas na prática educativa, impulsionando a busca por novos saberes, a partir de situações-problema que se destacam na prática cotidiana. Nesse caso, os envolvidos descobrem novos caminhos para conduzirem sua prática pedagógica, tomando consciência da importância da formação continuada e da reflexão mediante as limitações envolvidas. Reflexão essa que perdura para além de uma pesquisa de mestrado, como é esse o caso. Tal modelo de pesquisa visa despertar no profissional a necessidade de refletir, cotidianamente sobre a sua prática, a necessidade de se questionar e de questionar o outro com o objetivo de estar sempre



ressignificando a prática pedagógica e tornando mais significativa a sua formação e também a formação das crianças.

Já como estratégia para a produção dos dados da pesquisa, escolhi a *observação colaborativa* do ambiente do berçário I de uma creche pública de Juiz de Fora, envolvendo 12 bebês de quatro a doze meses e as duas professoras responsáveis pelo berçário I, além de filmagem e fotografia. Também realizei duas *entrevista dialógica* com as professoras envolvidas na pesquisa. Por fim, como instrumento de análise, utilizei os *Núcleos de Significação*.

3. Brincar junto, interagir com eles: o papel do professor no brincar

A frase que nomeia esse tópico de análise foi dita em uma das entrevistas dialógicas realizadas com as professoras, com o intuito de ressaltar a opinião das mesmas quanto ao papel do professor na brincadeira. Ficou claro, durante toda a pesquisa, que as duas professoras, embora admitam que há desafios a serem vencidos, entendem que o brincar é fundamental para os bebês⁴.

*[Brincar é] fundamental para a constituição da criança. Essas relações, claro que família, a gente é fundamental, então estar trabalhando com bebê, tem a preocupação muito grande de passar para ele, nessa interação, nessa troca, **de passar pra eles o melhor, de cuidar, tem que tomar cuidado no pegar, no falar, no olhar, porque tudo isso vai ajudando a construir os significados para ele**⁵. Não é simplesmente cuidar ali, não é simplesmente cuidar fisicamente, é demonstrar os significados, eu cuido, eles percebem esse olhar, esse toque, se eles têm valor, eu to mostrando pra eles, você tem valor pra mim, você é querido pra mim, isso pra eles, eu acho que isso pra eles é importantíssimo pra constituição deles (Rita⁶ - Professora).*

Embora essa primeira fala não trate especificamente do brincar em si, remete à preocupação das professoras não apenas com o brincar em si, mas com tudo que envolve ser professora de bebês. Sabe-se que os bebês precisam de cuidado, mas, aqui, quero destacar que é o modo como se cuida que dá ou não um tom significativo para a vivência deles. Como dito em Wallon (2007), as expressões não verbais são singulares nas interações com os bebês que se expressam, a partir de outros códigos que não os códigos verbais.

O texto da fala destaca que é na interação e na troca – mesmo em funções rotineiras como o banho e a alimentação, que as professoras conseguem demonstrar o quanto se importam com eles e com a formação deles. Acredito que, nesse momento, Rita tenta nos dizer que o brincar com os bebês não está circunscrito a uma atividade em si, mas envolve ou deveria envolver todas as atividades da rotina da creche. Rotina que precisa ser planejada para o bebê, a fim de ir além de suprir suas necessidades físicas. É um trabalho conjunto, em que,



ao tentar suprir suas necessidades básicas, ocorre também uma interação com esses bebês que, ampliada com atividades outras, elaboradas para eles, contribuem para a construção de significados. Atente-se para o outro excerto.

*Porque criança nessa idade precisa de pegar, de tocar, precisa morder. É próprio da idade da criança. É assim que eles conhecem os objetos. **É assim que as crianças se apropriam dos objetos. Então não adianta a gente por ali e proibir eles de tirarem** (Rita - Professora).*

Com este excerto, vê-se, também, que as professoras compreendem as particularidades do brincar com os bebês, um brincar que é mais sólido, mais voltado para as descobertas e novas experiências. Compreendem também que, a partir de gestos e sons, os bebês começam a compreender o mundo a sua volta de forma própria. Quando brincam eles exploram o ambiente a sua volta, descobrem novas coisas e vencem obstáculos.

Como já mencionado neste artigo, no ato do brincar, o bebê, se torna agente da ação, escolhe como vai conduzir a situação, para onde vai olhar, que objeto vai pegar e se ele quer pegar, e por que vai pegar. Tal escolha não se dá por um ato simples de se conhecer e sim pelo ato complexo de se conhecer e se perceber dentro de um determinado contexto social. Ao brincar, por meio da exploração e da curiosidade, o bebê está mais do que conhecendo um objeto, ele está compreendendo o que aquele objeto representa para aquele meio e qual a relação que ele terá na relação com ele próprio e com os outros.

Inicialmente, brincam com o seio e o rosto da mãe. Depois passam a brincar com o próprio corpo, “com os objetos que toca, com os movimentos, as luzes, os sons que acontecem ao seu redor [...] com os próprios sentidos, num crescente jogo de descobertas, desenvolvimento de habilidades e construções de significados” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 103). Para os bebês, perceber o que se passa dentro e fora do corpo é uma tarefa de investigação, pois primeiro eles brincam de se descobrir para logo após, aos dois anos, brincar de reinventar o que já foi descoberto (TRINDADE, 2007).

É importante que os professores se atentem para isso, pois os bebês estão interessados em conhecer o seu corpo, em saber o que é dele e o que é do outro, e em perceber e explorar os espaços e objetos a sua volta. Tais investigações geram conquistas. Observei, nesta experiência com as professoras, que é preciso ter sensibilidade para perceber que “tudo é novidade para um bebê que está vendo e percebendo o mundo pela primeira vez; portanto, se lhe for permitido [pelo professor, esse bebê] vai se inserir e conquistar o mundo com sua curiosidade” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 104).

Por isso é essencial ter a mesma consciência de Rita, quando diz que o seu papel como professora é:



Brincar junto. O professor de educação infantil tem que ser um professor que brinca com criança. Não adianta dá o brinquedo e ficar em pé falando faz isso e faz aquilo. Precisa jogar também, brincar também (Rita - Professora).

*Às vezes eles ficam lá, estão brincando em algum cantinho, mas quando eu sento no chão, não sei se você já percebeu, eles vêm! Pra brincar com a gente, então eles **querendo ou não você tem que estar disponível para brincar*** (Rita - Professora).

Por brincar juntos entende-se interagir com os bebês que, a partir do dicionário Aurélio⁷, quer dizer 1: Influência recíproca de dois ou mais elementos. 2: Fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituir-se em grupo, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro. 3: Ação recíproca que ocorre entre duas partículas.

Compreende-se, aqui, que o professor é aquele que “organiza os espaços interativos de desenvolvimento e aprendizagem, que organiza o tempo do bebê na creche, oferecendo diferentes oportunidades de experiências e respondendo às suas principais necessidades” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 105).

Essa interação é de suma importância, pois, como afirma Bondioli (2004), o outro [adulto] tem destaque nesse processo de significação dos bebês, pois “se o adulto é o primeiro brinquedo, o único objeto com o qual a criança pode experimentar o seu poder, então as primeiras brincadeiras são constituídas por situações felizes, compartilhadas por adulto e criança” (2004, p. 215).

Aliando o que foi dito com as falas acima destacadas, fica claro que as professoras compreendem que o papel da professora de bebês vai além de acompanhar as atividades propostas. A professora precisa planejar e estar presente, durante as atividades, junto com os bebês. Como o dicionário deixa claro, ao interagir há uma troca recíproca entre todos os envolvidos que, nesse caso, são professoras e bebês, criando oportunidades para o brincar. Quanto maiores e diversificadas forem as experiências propostas, maiores também serão as oportunidades de aprendizagem⁸ e desenvolvimento dos bebês.

Esse processo que envolve a mediação, segundo Vygotsky (2009), é essencial para o desenvolvimento de bebês e crianças (embora o autor priorize em suas pesquisas o brincar com as crianças maiores – a partir de 2 anos, o mesmo não faz distinção de idade ao falar da importância de tal atividade, desde que se nasce).

Reforçando a importância da mediação, o autor russo destaca ainda que esta,

feita por um parceiro mais experiente é de grande influência na construção do pensamento e da consciência de si, que vai emergindo do confronto com



os parceiros nas situações cotidianas, via imitação do outro ou oposição a este. É algo, pois em constante modificação. O indivíduo assim forma sua conduta e sua personalidade a partir dos conflitos que estabelece com o meio a cada momento (VYGOTSKY, apud OLIVEIRA, 1995 p. 53).

De acordo com Vygotsky, percebe-se que o papel do professor é ampliar e intensificar as vivências e experiências dos bebês. Como? “criando os espaços, oferecendo-lhes material e compartilhando das brincadeiras das crianças. Agindo desta maneira, ele estará possibilitando as mesmas uma forma de aceder às culturas e modo de vidas dos adultos, de forma criativa, social e compartilhada” (WAJSKOP, 2009, p. 112).

Outros pontos importantes com relação às interações entre professor e bebês são destacadas nas falas a seguir:

*Essa mediação é importante porque eles vêm na gente um espelho, uma maneira de ver, **eles procuram na gente uma resposta também, porque eles estão descobrindo as coisas** (Michelle⁹ - Pesquisadora).*

Exatamente, o significado é você que vai dando para eles (Rita - Professora).

*Exatamente, então às vezes a gente vê que eles procuram descobrir sozinhos, mas às vezes eles buscam a nossa ajuda, então eu acho que é o nosso papel, **além de estar para eles é tentar perceber o todo e ver a hora que a gente é solicitado e a hora que a gente não é também né** (Michelle - Pesquisadora).*

Esse diálogo nos ajuda a lembrar de que interação é diferente de intervenção. Ao interagir com os bebês, a professora torna mais significativa a brincadeira, no sentido de ampliar as possibilidades da mesma e por não intervir, ou por não intervir quando não é solicitada a professora dá liberdade aos bebês, contribuindo para a sua autonomia.

Durante a pesquisa, foi possível um consenso de que é papel do professor ser mediador da aprendizagem, como diz SENA (2011), estimulando a construção social do sujeito, assim, a brincadeira precisa ser também desafiadora para os bebês. Em outras palavras, pude perceber que essas professoras compreendem que elas facilitam e/ou possibilitam aos bebês, vivências diversificadas. Sabem que são responsáveis pelo cuidado e educação dos bebês e que para compreendê-los é necessário “estar com eles, observar, “escutar as suas vozes”, acompanhar os seus corpos” (BARBOSA, 2010, p. 6). Entendem as palavras de Barbosa quando diz que

o professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado. Continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar, e adequar sua proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular. A profissão de professora na creche não é como muitos acreditam apenas a continuidade dos fazeres



“maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige além de uma competência teórica, metodológica e relacional (2010, p. 6).

As contribuições Zana (2013) ajudam a entender que o bebê aprende as regras da vida brincando, por exemplo, quando se faz ‘aviãozinho’ para estimular o bebê a comer, brincar faz parte do processo de desenvolvimento humano. Essas professoras sabem que são as principais interlocutoras – pois é com elas que o bebê passa a maior parte do dia, e que devem possibilitar um espaço diferenciado para as suas conquistas.

*Eu acho que quando a gente brinca com a/ eu acho que a brincadeira também é uma construção social, **ninguém nasce sabendo brincar**, e quando você brinca com as crianças, com os bebês, na verdade você mostra como fazer, essa autonomia, para eles começarem a fazer sozinhos também, **a imitar a gente** (Rita - Professora).*

*Com certeza eles têm segurança, eles sabem que a gente não vai coibir, nada disso, e nem ficar gritando, porque criança fica “se eu fizer isso vai brigar comigo”, as crianças percebem isso e isso é muito ruim. O professor tem que possibilitar essa/ que ela avance, que ela experimente, e não “não é assim que se brinca, que se faz”. “Não pode ir por esse caminho”, **isso acontecia quando eu cheguei. A Karoline ali subindo pela frente do escorregador, e eles queriam proibir de fazer isso** (Rita - Professora).*

Ao dizer que os bebês têm confiança e segurança nas professoras e que são elas que possibilitam que eles avancem, e experimentem, elas estão entendendo que os primeiros anos de vida do bebê são fundamentais para a constituição da identidade/personalidade e que, por isso, precisam “adotar várias estratégias, entre elas as atividades lúdicas, que são capazes de intervir, positivamente no desenvolvimento da criança, suprimindo suas necessidades biopsicossociais, assegurando-lhe condições adequadas para desenvolver suas competências” (ZANA, 2013).

Também ao dizer que a brincadeira é uma construção social, a professora Rita demonstra compreender que

brincar é uma atividade aprendida na cultura que possibilita que as crianças se constituam como sujeitos em um ambiente em contínua mudança, onde ocorre constante recriação de significados, condição para a construção por elas de uma cultura de pares, conjunto relativamente estável de rotinas artefatos valores e interesses que as crianças produzem e partilham em interação com companheiros de idade. Ao brincar com eles, as crianças produzem ações em contextos sócio-histórico-culturais concretos que asseguram a seus integrantes não só um conhecimento comum, mas a segurança de pertencer a um grupo e partilhar da identidade que o mesmo confere a seus membros (CORSARO apud OLIVEIRA, 2011, p. 140).

A professora Rita percebe, assim, que, embora ninguém nasça sabendo brincar, tal atividade contribui para a autonomia dos bebês, ela demonstra que compreende que é preciso



ensinar a brincar, pois, por ser uma construção social é algo que o bebê aprende a fazer de maneiras diferenciadas. Por isso, é preciso planejar essas situações de brincadeiras, para que as mesmas possibilitem aos bebês escolher com o que, com quem, como e onde brincar. Os bebês poderão “elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais” (BRASIL, 1998, p. 29). Compreende também que o professor de bebês deve fazer uso de diferentes metodologias, procurando sempre incluir as brincadeiras, como mostram os diálogos a seguir:

As práticas observadas no decorrer da pesquisa vão ao encontro do estabelecido no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (1998), ao dizer que o papel do professor é organizar as brincadeiras, de modo a disponibilizar objetos, fantasias, brinquedos e jogos aos bebês e crianças (o documento não restringe tais práticas aos bebês). A brincadeira se torna o veículo de aproximação entre os bebês e os objetos. A brincadeira permite, ainda, como vimos nas cenas anteriores, uma maior aproximação entre professor e bebê, permitindo, assim, que o professor conheça melhor cada bebê e que os bebês se sintam mais à vontade e confiantes com a presença do professor. Tal aproximação vai possibilitar que a interação entre eles se torne rica e significativa.

Foi constatado também, que as professoras estão em consonância com o que disse Freud ao afirmar que para brincar com criança é preciso encontrar a criança, que existe dentro de cada professor “não para ser novamente criança, mas para compreendê-la e, a partir disso, interagir, em uma perspectiva criativa e produtiva, com seus alunos. [...] Não é necessário ‘ser criança’ para usufruir o brincar, pois sua herança – a criatividade – subsiste na vida adulta” (FREUD apud FORTUNA, 2000, p. 8).

Por fim, fica claro que as professoras conseguem compreender também que a sala de atividades pode e deve ser transformada e que o brincar deve ser o eixo principal de sua prática pedagógica, embora haja dificuldades elas conseguem brincar com os bebês.

Considerações finais

Ficou claro durante a pesquisa que a formação é essencial, pois é essa que dá a base para que o professor possa construir sua prática voltada para a ampliação do conhecimento dos bebês (SENA, 2011). Além disso, tal formação amplia o conhecimento do professor para que o mesmo consiga perceber as reais necessidades de seus alunos. Uma boa formação permite ao professor ter boas condições de atuação, o que facilitará na reelaboração do tempo e do espaço, que lhe é dado pela instituição, a fim de tornar seu trabalho significativo.



Torna-se claro, então, que a formação é essencial para que o professor adquira um olhar sensível para a educação de bebês, se tornando um observador apurado, que compreende as especificidades do trabalho com bebês e consegue, assim, adaptar suas práticas às necessidades, potencialidades e desejos de cada bebê.

Como afirma Henri Wallon (apud ALMEIDA, 2008. p. 51), o professor precisa refletir a respeito das “interações sociais oferecidas definindo, por exemplo, se serão realizadas individual ou coletivamente (...) lembrando que a escola, ao possibilitar uma vivência social diferente do grupo familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança”.

A partir dessas falas, fica claro o que foi dito logo no início deste tópico: embora haja desafios, essas professoras conseguem brincar com os bebês no berçário.

Durante todo o tempo, que passei com elas na creche, foi nítida a preocupação que ambas sempre tiveram com o seu papel no desenvolvimento dos bebês, por meio do brincar. Logo nos primeiros encontros, ao explicar minha pesquisa para Rita, ela confessou que sempre se preocupou com a influência que ela teria no desenvolvimento dos bebês. Acrescentou que sabia que é, por meio do brincar, que os bebês se desenvolvem, mas, que, por vezes, tinha dúvida quanto a que tipo de brincadeiras deveriam ser realizadas com crianças tão pequenas. Mas nem por isso eu a via deixar de brincar com eles, por não saber se de fato aquilo seria significativo ou não. Ela sempre dizia: “Vamos lá ver o que eles vão fazer com isso, o importante é que eles tenham acesso a coisas diferentes” – parafraseando os comentários de Rita.

Paula, por outro lado, sempre gostou dos trabalhos manuais. Muito criativa, criou diferentes móveis para eles, trabalhava com tintas e cores. Confeccionou também um tapete das sensações para que os bebês pudessem sentir diferentes texturas e se aventurar com essas descobertas.

Os livros também fizeram parte desse universo, mesmo quando ouviam coisas do tipo “para que vocês estão lendo para eles? São muito pequenos, não sabem ler e daqui a um mês não vão se lembrar de nada disso” – comentário de uma funcionária da creche. Juntas elas perceberam que os livros deveriam, sim, fazer parte do universo dos bebês, por isso, elas contavam histórias, dramatizavam, cantavam e tocavam violão, dançavam, deixavam os bebês experimentarem os livros da maneira como queriam. O cantinho da leitura era o preferido deles.

Junto com as professoras, percebi como é importante que a prática do brincar esteja aliada às interações com as professoras, visando ao desenvolvimento social, afetivo e cognitivo dos bebês, pois, ao brincar, em interação com as professoras, os bebês conhecem o próprio



corpo, o mundo que os cercam e os objetos a sua volta. Assimilam, aos poucos, regras, comportamentos valores e hábitos culturais, tornando irrefutável, a teoria de Vygotsky (2009), ao dizer que brincar com bebês é uma das formas mais importantes de ajudá-los a estar no mundo social.

PLAY TOGETHER, INTERACT WITH BABIES: REFLECTIONS OF TRAINING IN PEDAGOGICAL PRACTICE

Abstract

This article discusses the importance of the theory / practice relationship when working with infants in the day care center, believing that, based on the interactions between teachers and infants, it is possible to establish, within the institution of Early Childhood Education, a relationship of learning / development based Exchange of experiences and shared meanings. The methodological contribution used was the Collaborative Critical Research (PCCol). The theoretical framework, which gave support to the research was Socio-Historical-Cultural Theory, dialoguing in particular with Vygotsky, Wallon and Pino. With the study, it was possible to perceive that the training made difference in the way of acting of these professionals, who built their pedagogical practice from theories prioritize playing as language, as fundamental to human development.

Key words: Play. Babies. Teachers. Interaction. Nursery

Notas explicativas

¹ De acordo com o documento Indicadores de Qualidade na Educação Infantil, publicado pelo Ministério da Educação, em 2009, são considerados bebês os sujeitos com idade entre 0 e 18 meses. Sabendo que tal terminologia é muito subjetiva, pois não conseguimos ainda demarcar essa passagem – de bebê para criança, utilizaremos como referência este documento, adotando a terminologia bebê para os sujeitos com até 1 ano e meio de idade.

² De acordo com a Pesquisa Crítica de Colaboração - PCCoL, abordagem metodológica deste trabalho, os significados são construídos a partir do olhar conjunto de um determinado grupo para um determinado tema.

³ Aqui não estamos entendendo como objetos apenas os brinquedos e sim todos os elementos que estão inseridos no contexto social dos bebês e que precisam ser por eles descobertos.

⁴ As falas das professoras pesquisadas foram transcritas e reproduzidas, tendo em vista as características próprias da oralidade, sem a preocupação de adequá-las às devidas correções do registro padrão da língua portuguesa.

⁵ Os **grifos** empregados nas falas são da própria autora e pesquisadora.

⁶ O nome das professoras e dos bebês foram alterados para preservar suas identidades.

⁷ Dicionário Aurélio Online. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

⁸ Novamente, lembro que, aqui, não se entende aprendizagem em um contexto escolar e, sim, como experiências adquiridas, que ampliam o leque de conhecimento dos bebês de si mesmos e do mundo que os cerca.

⁹ O nome da pesquisadora não foi alterado.



Referências

- ALMEIDA, Marcia Tereza Fonseca. O brincar e o professor de Educação Infantil. *Revista Avila Lá*. N. 34. Abril, 2008. Pp. 18-22
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBOSA, Maria Carmem. *As especificidades da ação pedagógica com os bebês*. 2010. Disponível em: <https://prezi.com/y4jpiqhran1s/as-especificidades-da-acao-pedagogica-com-bebes/> Acesso em: 05 ago. 2015.
- BONDIOLLI, Ana (org.) *O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudos de caso*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL. MEC. SEF. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)*. Brasília: MEC, 1998. V.3.
- CARVALHO, Levindo Diniz. Infância, brincadeira e cultura. In: *31ª Reunião Anual da ANPED*, 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT07-4926--Int.pdf>
- CONTRERAS, José. *A autonomia dos professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *Equilibrando sobre um arame de farpas: infância e indelicadeza no Cotidiano do Alto Vera Cruz*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M.; DALLAZEN, M. I. H. (org.). *Planejamento em destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000 (Caderno de Educação Básica, 6) p. 146-164.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Terra e Paz, 1996.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. A ossatura da pesquisa colaborativa. In: *Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008. P.25-53.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. In: *I Seminário Nacional: currículo em andamento*, 2010, Belo Horizonte. Anais do I Seminário Nacional: currículo em andamento, Belo Horizonte, 2010.
- LIMA, Elvira S. *A criança pequena e suas linguagens*. São Paulo: Gedh/Sobradinho, 2002.
- MAGALHÃES, Maria Cecília C. *A formação do professor como um profissional crítico*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, pp. 59-85.
- OLIVEIRA, Z. Marta R. Interações Sociais e Desenvolvimento: a perspectiva sócio histórica. In: *Cadernos Cedes*. n. 35, pp. 51-63, 1995.



OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Jogos de papéis: um olhar para as brincadeiras infantis*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Zilma (org.). *Creches, crianças, faz-de-conta & Cia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO; Maria Teresa Venceslau de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Editora Blucher, 2012.

PEREIRA, Maria Amélia. *Derrubaram os últimos jardins para construir prédios*. Linhas críticas. Brasília: Inep, jun. 2002, v. 8, n. 14, p. 49-58.

PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. A brincadeira infantil na perspectiva histórico-cultural. In: ANDRADE, Daniela B. S. Freire Andrade; LOPES, Jader Janer Moreira. *Infâncias e Crianças: lugares em diálogos*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras? In: *35ª Reunião Anual da ANPED*, 2012, Porto de Galinhas. Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED, Porto de Galinhas, 2012.

SENA, Fledson. *O papel do professor da educação infantil na mediação no universo lúdico do brincar*. 2011. Disponível em: http://psicopedagogo-comvc.blogspot.com.br/2011/10/o-papel-do-professor-da-educacao_16.html. Acesso em: 03 ago. 2015

SOUZA, Andressa Celis; WEISS, Vanilda. Aprendendo a ser professora de bebês. In: OSTETTO, Luciana E. (org.) *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas: Papirus, 2012.

TRINDADE, André. *Gestos de cuidado, gestos de amor: orientações sobre o desenvolvimento do bebê*. São Paulo: Summus, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução: Zoia Prestes. Comentários Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

_____. La crisis de lossieteaños. *Obras escogidas*. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros.(1935/2010).

_____. *Psicologia da Arte*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2006.

WAJSKOP, Gisele. *Brincar na pré-escola*. 3ªed. São Paulo: Cortez. 1999.

WALLON, Henry. Cinestesia e imagem visual do próprio corpo da criança. In: *Psicologia e educação da infância*. Trad. Ana Franco de Sousa. Lisboa: Estampa (coletânea), 2007. pp 105-124.

ZANA, Augusta [ett. All.]. O brincar em sala de aula a partir da perspectiva do professor. *Educação Pública*. Jan. 2013. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0369.html> Acesso em: 03 ago. 2015.

